

CATALOGANDO PAISAGENS: APROPRIAÇÕES PROJETUAIS DOS REGISTROS HOLANDESES SOBRE O BRASIL SEISCENTISTA

R. V. S. Oliveira

Arquiteta e Urbanista

Doutoranda em Arquitetura e Urbanismo - Conservação e Restauro (UFBA)

Professora do Curso Superior de Tecnologia em Design de Interiores do CEFET-AL

Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem - UFAL

Pesquisadora-colaboradora do NPDesign/CEFET-AL e do Grupo de Pesquisa Design e Estudos Interdisciplinares
(CNPq)

Rua Regente Feijó, 04 Pajuçara CEP 57.030-590 Maceió-AL

RESUMO

Quando aportaram nas terras brasílicas no século XVII, os holandeses trouxeram um cabedal de conhecimentos próprios dos primórdios do pensamento moderno, destacando-se a cultura visual. As paisagens nordestinas seiscentistas representadas em mapas e telas neerlandesas atravessaram continentes e venceram o tempo, permitindo o acesso ao imaginário de uma sociedade distanciada por séculos. Através de análise iconográfica com base em recursos computacionais, vem sendo possível investigar minuciosamente o conteúdo pictórico desses documentos imagéticos que também carregam expressões artísticas. Esse artigo versa sobre a experiência de trabalho do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem-UFAL, que tem utilizado a linguagem do Design para socializar as investigações acadêmicas baseadas nas análises, inicialmente realizada sob a perspectiva da antiga representação urbana, desse material iconográfico considerado o primeiro registro catalográfico do Novo Mundo.

PALAVRAS-CHAVE: iconografia seiscentista holandesa; paisagens brasileiras; Design Gráfico
e de Produto

1. ESTUDOS DA PAISAGEM: UM PERCURSO DE INVESTIGAÇÃO ICONOGRÁFICA

Esta comunicação versa sobre a experiência de trabalho do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem, coordenado pela profa. Dra. Maria Angélica da Silva e sediado no Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas, que se inseriu na plataforma de registro do CNPq desde 1992. O Grupo vem desenvolvendo uma pesquisa que investiga a gênese das vilas e cidades na colônia portuguesa na América, no contexto dos séculos XVI e XVII, buscando compreender os princípios teóricos e empíricos que moveram a construção destes primeiros núcleos urbanos. Sua primeira inserção dentro desse contexto da história colonial ocorreu através de um projeto integrado com o Scriptorium, Laboratório de Estudos Ibéricos e Medievais do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, denominado *Nação e Identidade*, aprovado pelo CNPq. Buscando traçar as linhas visíveis e invisíveis que colocaram em diálogo a cidade colonizadora e a cidade colonial, como em uma via de mão dupla, este projeto deteve-se na questão de como migrou a cultura ibérica para a nova terra sem perder de vista as trocas culturais efetivadas neste contexto.

A seguir iniciou-se um projeto de maior fôlego denominado *Estudos da Paisagem*. Este projeto toma um referencial geográfico que incorpora os atuais estados da Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Alagoas e Bahia, de onde foi selecionado um conjunto de vinte cidades para estudo. A pesquisa coloca como questão o entendimento da gênese das vilas e cidades coloniais. Houve um desenho inicial destes locais urbanos? Se existiu, quais foram seus pressupostos? Obedeciam a algum modelo? Quais foram os pactos realizados com a paisagem natural e com os outros grupos culturais não europeus envolvidos na empresa colonizadora?

As unidades urbanas escolhidas foram investigadas a partir de quatro ferramentas metodológicas: a pesquisa *in loco*, buscando um envolvimento afetivo com o espaço, trazido em “diários de bordo” e “mapas cognitivos”; o uso das fontes iconográficas, sejam elas históricas, ou contemporâneas; a história oral e a análise comparativa (Fig.1).



Fig.1. Na seqüência, vista atual do Antigo núcleo da cidade de Recife-PE (*Mauritstadt*) de um ângulo semelhante ao da imagem da vila seiscentista registrada por Frans Post. FONTE: REIS FILHO, 2000. CDROM.

Grande parte dos projetos realizados, que consistiram na avaliação de aspectos relativos à construção da paisagem nordestina, só foi possível pelo atendimento a inúmeros editais, através dos quais se conseguiu o apoio financeiro

bem como bolsas de estudo, recebidas ao longo destes anos através do CNPq, CAPES e FAPEAL, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas. Na busca em arquivos internacionais, contamos com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian de Lisboa.

Tais apoios têm permitido o aprofundamento dos estudos sobre a memória das paisagens nordestinas do século XVII, através de análises de documentos produzidos nesse mesmo momento. Esse material constitui-se de imagens e escritos e foi produzido pelos integrantes da comitiva de Maurício de Nassau, composta por cartógrafos, naturalistas e pintores. Dentre os integrantes dessa comitiva, encontravam-se os pintores Albert Eckhout (1610-1664) e Frans Post (1612-1680), o cartógrafo Johannes Vingboons (1616-1670), George Marcgrave (1610-1644), naturalista e cartógrafo alemão, que permaneceu nas terras brasílicas durante o período de 1638 a 1644, e Willem Piso. Cabe ainda mencionar a obra de Gaspar Barleus, publicada em 1647, que narra a experiência do Nassau quando governador das terras do Nordeste brasileiro, então chamado Brasil holandês.

Esses registros correspondem, e assim são considerados, não apenas a primeira catalogação do conteúdo característico das terras brasílicas, como também a um patrimônio brasileiro, à medida que as próprias paisagens locais impulsionaram as iniciativas artísticas desses europeus. É nesse sentido que se apresenta esse artigo que versa sobre as primeiras iniciativas de registro catalográfico no Novo Mundo e sobre os desdobramentos da análise desse legado que tem as terras do Nordeste brasileiro como as principais personagens do cenário pictórico.

2. OS “CATÁLOGOS” HOLANDESES E O (RE)CONHECIMENTO DO BRASIL

Mapas, plantas e vistas produzidas pelos integrantes da comitiva de Nassau registraram a dinâmica do cotidiano colonial do Brasil. Os olhos perspicazes de Albert Eckhout e Frans Post não deixaram escapar, por exemplo, o cotidiano do negro na lavoura, a cultura antropofágica dos índios tapuias e até mesmo a minúscula porta do Palácio de Friburgo construído na antiga *Mauritstadt*, atual Recife-PE (Fig.1).

Certamente, a riqueza dos detalhes contidos nessas imagens foi favorecida pelos equipamentos recém criados como a luneta e o microscópio, permitindo o incremento do espírito de observação dos holandeses. Coube a Frans Post a representação da paisagem macro das vilas e cidades que compunham a colônia holandesa no Brasil, e a Albert Eckhout o registro da micro paisagem, ou seja, a representação dos espécimes da flora e da fauna, bem como os tipos humanos existentes nestas terras. Eckhout certamente trabalhou de maneira mais próxima com os naturalistas Guilherme Piso e George Marcgrave, que privilegiavam os animais e as plantas de maior porte ou possuidoras de alguma característica notável, bem como aqueles utilizados na medicina ou na alimentação. Entretanto, suas obras demonstram mais sobre a vida colonial que a própria urbanidade, denunciando seu deslumbramento pela diversidade de etnias desse território, registrando fragmentos de cenas e elementos do cotidiano, desde frutas e outros alimentos, até de sinais do canibalismo e de outros costumes indígenas.

Eckhout produz inúmeros desenhos, esboços e pinturas, sendo o recorte mais representativo de sua produção as 12 naturezas-mortas, os 8 retratos e a tela intitulada “Dança dos Tapuias”. Nos seus retratos a fidelidade da representação dos tipos humanos como na “Índia Tupi” e no “Índio Tapuia”, foge dos padrões de beleza aceitos pelos povos europeus do período, fixando o distanciamento do universo colonial. Nessas obras as figuras humanas são colocadas no primeiro plano das telas, com uma ampla paisagem ao fundo e alguns fragmentos dela descritos pictoricamente em seus pequenos detalhes. Assim, ao lado dos mulatos, índios, negros e mamelucos, identificamos facilmente espécimes da flora tropical como aningas, mandiocas e bananeiras, e da fauna como, por exemplo, preás e periquitos.

Notou-se que Frans Post utilizou a técnica compositiva do *repossoir* para realizar suas pinturas – marcação do primeiro plano com um elemento vertical ou que ocupasse uma boa porção do quadro, distanciando assim o espectador do plano que continha o tema central da paisagem. Certamente, apresentou o vasto universo natural suigêneris aos olhos europeus. A pintura de Frans Post é o primeiro registro pictórico da paisagem americana. Até então nenhum outro pintor reconhecido por uma academia havia retratado terras do outro lado do Atlântico.

Há uma constância de esquema compositivo de Post que usava o primeiro terço da tela para a localização da linha do horizonte. Geralmente, em primeiro plano, uma árvore ou uma rocha era pintada em uma das laterais formando uma massa vertical, e dessa forma, o observador tinha a impressão de estar mais próximo da imagem pintada. Entre o primeiro plano e a linha do horizonte, uma grande mancha de pigmento verde (vegetação) ou azul (água) distanciava a imagem principal que ficava no fundo. Os outros dois terços da imagem eram destinados à indicação do céu.

Certamente, o olhar compositivo de Post estava influenciado pela escola holandesa, mas suas paisagens também revelam a interferência de um olhar seletivo diante da realidade obviamente norteado pelo imaginário do autor. O

retrato do universo macro das paisagens registradas por Post foi influenciado pelo impacto do pintor com a diversidade das formas, espécies vegetais ou animais, e uma luz que nunca tinha visto, curvando sua disciplina compositiva à exuberância das paisagens da nova terra tão pitoresca. De fato, retratar o vasto universo de espécies vegetais e animais até então nunca visto pelos integrantes da comitiva de Nassau, colocou os autores dessas obras diante da inevitável escolha do que deveria ou não ser representado. Nesse processo de construção imagética da paisagem brasileira, situa-se um tímido registro da urbe em contraste com a expressividade dos elementos naturais das paisagens, sugerindo que o caráter da natureza exuberante da nova terra era, para Post, mais significativa do que propriamente o espaço colonizado (Fig.2).



Fig. 2. Vista da antiga Vila de São Francisco, atual Penedo-AL, elaborada por Frans Post, publicada no livro de Gaspar Barleus *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil*, de 1647, mostrando a pequena Vila no monte em segundo plano. FONTE: REIS FILHO, 2000. Cdrom.

Assim, a imagem pintada é sempre uma idealização do universo real, visto. Semelhante a um retrato, onde é comum os pintores retirarem uma mancha de pele, corrigirem alguma deformidade ou até mesmo, remoçarem ou tornarem mais austero o modelo-cliente para melhor agradá-lo, ou mesmo enobrecer seu próprio trabalho, nesses registros da paisagem, os autores comumente ignoravam a presença de uma pedra ou uma árvore que estava comprometendo a visão de determinada cena. Da mesma maneira, também se incluía uma espécie vegetal mais representativa do que a existente no local, alterava-se alguma escala ou se exaltava um elemento exótico na representação. Portanto, a idéia de que o registro iconográfico admite o sentimento em relação ao objeto observado, colocando em cena pré-impressões e dimensões da interioridade do observador, é inerente ao próprio processo de apreensão da realidade. Funcionando como um filtro, o olhar seletivo do pintor tinha como objetivo valorizar a principal cena do universo representado. Um mapa ou uma vista de um cenário físico, vistos por este prisma, consistiria numa espécie de criação de espaços, uma dimensão de mundo com a intenção de ser comunicado entre pessoas, lugares e períodos. Mais que um mero resultado racionalizado com a intenção de registrar os elementos do universo da nova terra, uma construção gráfica de um cenário físico é a expressão complexa e ambígua da forma como o autor entende o mundo, portanto, uma narrativa.

O fato de trazerem uma expressiva carga de simbolismo em seu conteúdo pictórico, não invalida as imagens seiscentistas enquanto dados históricos. Registrando animais, plantas e alimentos, construções (engenhos, fortificações, casas, igrejas...) e, até mesmo, o movimento dos moradores que são frequentemente representados pescando, preparando a farinha de mandioca, construindo casas, trabalhando nas plantações de cana-de-açúcar,

instalando os carros de boi, se preparando para as batalhas e exercendo outras atividades do cotidiano colonial, esse conjunto iconográfico é um fragmento da história que venceu o tempo e pode ser acessado hoje em arquivos nacionais e internacionais, bem como na própria memória do lugar e dos seus moradores.

Considerando o rico conteúdo desse material, além dos trabalhos de pesquisa acadêmica, a intenção do Grupo volta-se também para atividades de documentação patrimonial, contando com um acervo de cerca de 20 mil imagens sobre aspectos do patrimônio material e imaterial da Região Nordeste do Brasil, com ênfase em Alagoas (Fig.3).

No sentido de disponibilizar este acervo, formatado de maneira a subsidiar ações em termos de planejamento, de impulso ao turismo, de preservação do patrimônio material e imaterial, foram idealizados uma série de projetos, visando a divulgação os resultados não apenas como um trabalho acadêmico, mas retornar às cidades os conteúdos da pesquisa em formato de produtos comprometidos com a educação básica e com o desenvolvimento da cidadania.

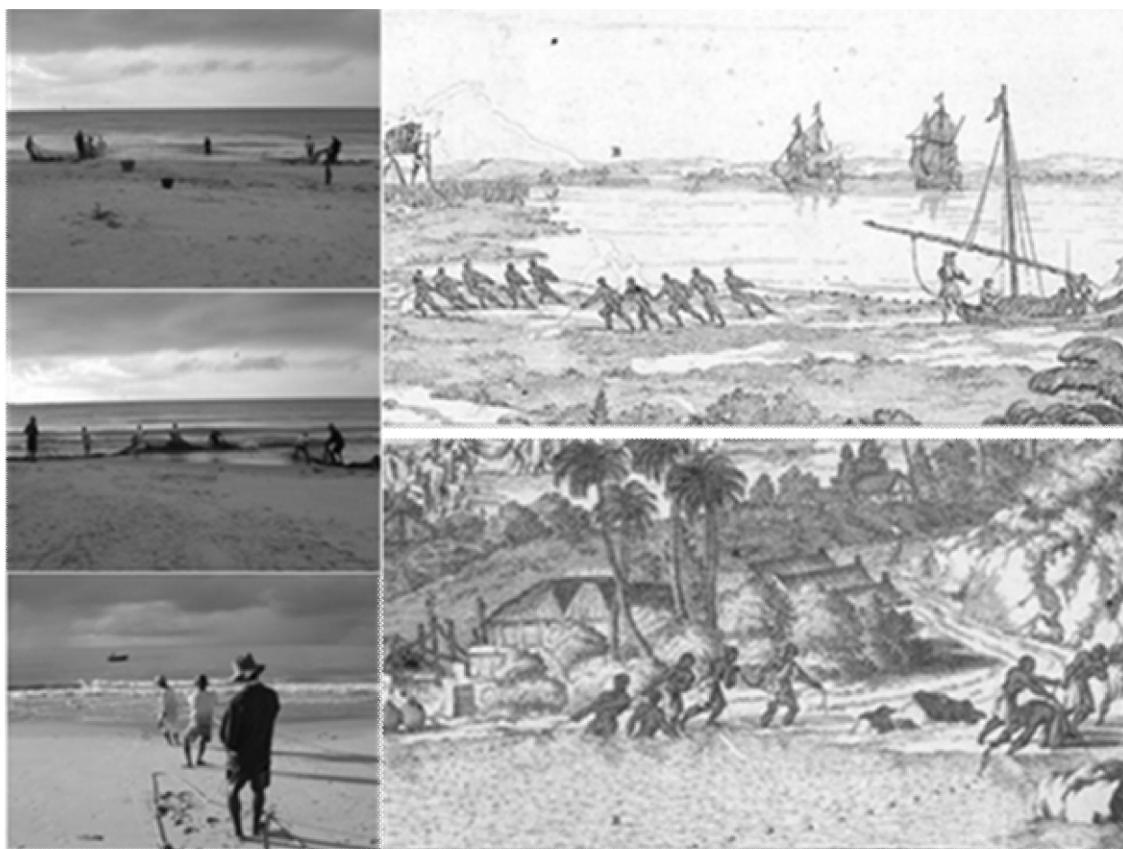


Fig. 3. Pesca de lambuda - exemplo de estudos comparativos entre o cotidiano contemporâneo de pequenas comunidades alagoanas e as práticas culturais registradas em imagens seiscentistas, enquanto parte das atividades realizadas no projeto *Modos de construir, modos de alimentar: memórias da paisagem Caeté nas Alagoas*, aprovado pelo Edital 01/2005 do IPHAN. FONTE: Produção e acervo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem-UFAL.

3. PROJETANDO MEMÓRIAS: O USO DA LINGUAGEM DO DESIGN PARA A SOCIALIZAÇÃO DA PESQUISA HISTÓRICA

A primeira iniciativa de unir ferramentas da área do Design Gráfico e de Produto à pesquisa acadêmica resultou na idealização do projeto cultural intitulado *A Invenção da Cidade*, que teve como objetivo levar a pergunta da pesquisa sobre a implantação das primeiras unidades urbanas para as comunidades, colocando também para elas o desafio de respondê-la. Composto por um conjunto de produtos culturais - um livro, um cd-rom, um objeto ludo-didático e uma exposição de caráter itinerante - foi aprovado pela Lei Rouanet de Incentivo à Cultura (processo PRONAC 013985) e recebeu a chancela da UNESCO. Não foi viabilizado devido à dificuldades com a captação de recursos (Fig. 4).

Ainda dentro desta mesma linha e com o patrocínio da FAPEAL e da Secretaria de Cultura do Estado de Alagoas foi realizado um seminário e uma exposição que teve como título *Alagoas sob o Olhar Holandês*. Esta exposição, de cunho interativo, foi montada em praça pública, com a intenção de trazer para a comunidade a possibilidade de acesso a imagens holandesas e contemporâneas sobre aspectos das paisagens alagoanas. Concebida de maneira distinta das exposições didáticas convencionais, deixa a informação escrita para apoiar-se na percepção sensorial – usando de recursos visuais, táteis, sonoros e olfativos - pretendendo que cada um descubra lembranças e façam descobertas. Como viajantes, embrenhem nas matas, agucem seus sentidos, montem seus percursos. Essa exposição buscou, portanto, induzir o cidadão a pensar sobre o período distante da história colonial onde se destaca a presença flamenga até hoje presente no imaginário da população nordestina (Fig.5).



Fig.4. Projeto gráfico do conjunto de produtos culturais *A Invenção da Cidade*. FONTE: Produção do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem-UFAL.



Fig.5. Imagens da exposição *O Olhar Holandês*, mostrando suas instalações e a apropriação por parte da comunidade. FONTE: Produção e arquivo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem-UFAL.

Voltando ao campo da pesquisa, o Grupo realizou, juntamente com o Laboratório de Arqueologia da UFPE, trabalhos de prospecção arqueológica na cidade de Penedo, em busca dos vestígios do Forte Maurício, construído pelos holandeses, que se encontra hoje ausente na paisagem visível da cidade, mas bem presente no imaginário dos moradores, como foi possível averiguar através da coleta de depoimentos de história oral. A partir deste trabalho foi gerado o projeto denominado *Des-cobrir*. Trata-se de um objeto que referencia a experiência arqueológica e as memórias subterrâneas da cidade de Penedo, a ser implantado no espaço público, podendo ser acessado gratuitamente pela comunidade. Sobre uma base de madeira há uma lâmina de vidro forrada com antigas imagens da cidade cobertas com areia, podendo ser removidas com ferramentas leves semelhantes a espátulas. Nesse movimento dos grãos, os moradores visualizam não apenas as imagens do passado, mas também descobrem memórias, aproximando-se da própria experiência da Arqueologia (Fig.6).

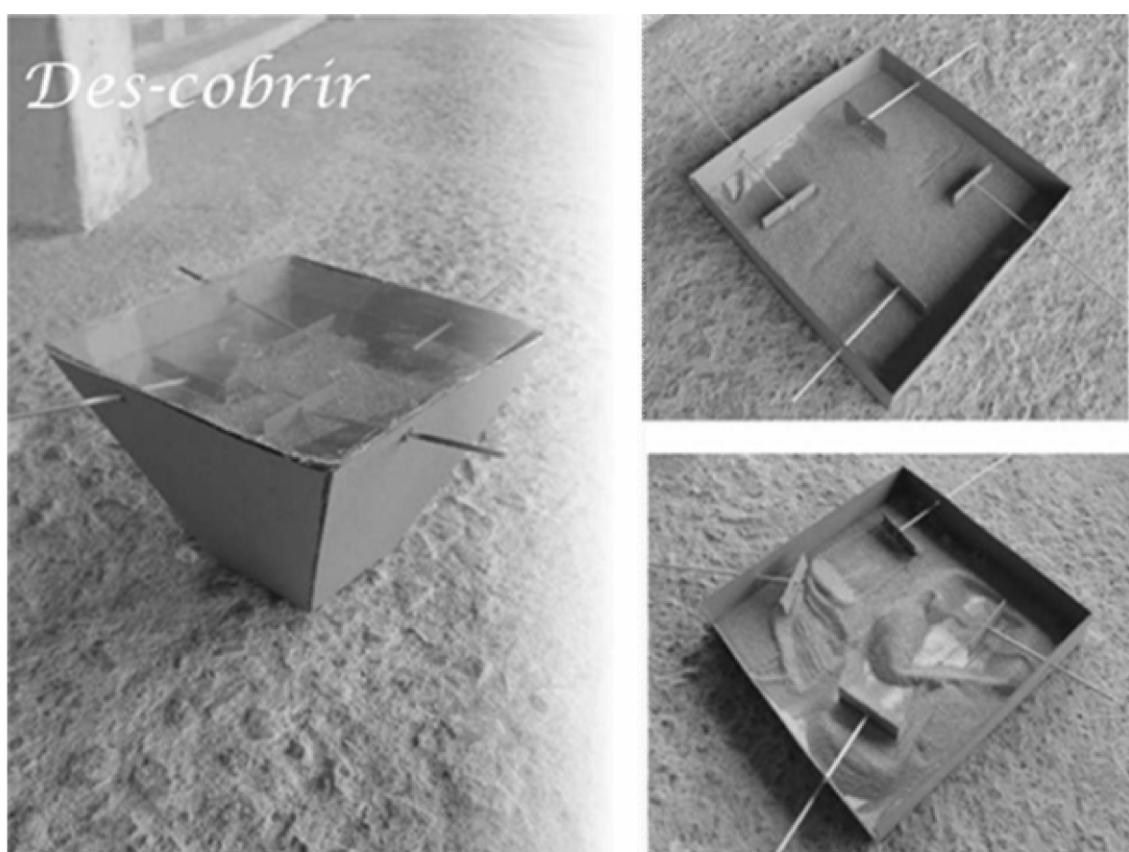


Fig.6. Maquete do produto cultural *Des-cobrir*, ainda em vias de implantação, dependendo da colaboração da Prefeitura de Penedo-AL. FONTE: Produção e arquivo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem-UFAL.

O Grupo também teve um projeto aprovado no último edital do Banco do Nordeste, direcionado a ações culturais. Denominado *O Enigma da Cidade*, este projeto foi recentemente concluído e teve como objetivo sistematizar o conhecimento referente ao patrimônio material e imaterial do nordeste brasileiro gerado pelo Grupo em formato de um livro ludo-didático destinado ao público em geral, buscando incluir os não alfabetizados. Consiste em um livro sobre a história de três cidades alagoana, mas seu formato propõe uma forma de leitura diferente: as páginas não são folheadas, elas se desdobram; a história não é “contada”, é descoberta; não há cronologia no texto, e sim uma imbricação de tempos, ou seja, velhos e novos gestos que constituem a própria cidade. Como um jogo, o livro requer a participação do leitor que, talvez, sinta necessidade de acessar outros meios para poder construir o seu conteúdo. Entre imagens e palavras, existem dicas, pistas sobre cenas cotidianas que aparentemente são desprovidas de valor, mas que constituem o próprio patrimônio local (Fig.7).

A experiência da idealização e elaboração dos chamados produtos culturais vem revelando que o uso da linguagem do Design no processo de formatação dos resultados da investigação científica consiste em um elo eficiente entre a pesquisa acadêmica e necessidades da sociedade brasileira, contribuindo para despertar o interesse pelo conhecimento e valorização do patrimônio histórico nacional, com repercussões no sentido de pertencimento e de auto-referência dos próprios cidadãos.



Fig.7. Imagens do livro *O Enigma da Cidade*, mostrando as dobraduras de seu conteúdo interno e a embalagem.
FONTE: Produção e arquivo do Grupo de Pesquisa Estudos da Paisagem-UFAL.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALPERS, Svetlana. *The Art of Describing- Dutch Art in 17th century*. Chicago: Penguin Books, 1983.
- BARLEUS, Gaspar. **História dos Feitos Recentemente praticados durante oito anos no Brasil**. São Paulo & Belo Horizonte: EDUSP & Itatiaia Ed., 1977.
- Brasil-Holandês: Theatrum Rerum Naturalium Brasiliae**. 2 v. Rio de Janeiro: Índex Ed., 1995.
- ECKHOUT VOLTA AO BRASIL 1644-2002: catálogo da mostra**. São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2002.
- HERKENHOFF, P. (Org.) **O Brasil e os Holandeses, 1630-1654**. Rio de Janeiro: Sextante Artes, 1999.
- MARCGRAVE, George. **História Natural do Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1942.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Imagens de Vilas de Cidades do Brasil Colonial**. São Paulo, EDUSP, 2000.
- PISO, Guilherme. **História Natural do Brasil Ilustrada**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

TEIXEIRA LEITE, J. R. **A pintura no Brasil Holandês.** Rio de Janeiro: Edições GRD, 1967.